

O USO DA ORALIDADE COMO FERRAMENTA DE INTERAÇÃO NA SALA DE AULA

Andresa de Brito Ramos

Graduanda em Pedagogia – UFCG

Marcelo Alexandre da Silva

Graduando em Pedagogia - UFCG

1. Introdução

O presente artigo parte da realidade sobre o descaso da escola e de alguns professores a respeito do não uso do domínio linguístico e da linguagem oral no contexto de formação das crianças. Tendo a preocupação de ressaltar a oralidade como ferramenta fundamental em uma sala de aula para formação de indivíduos ativos, este trabalho analisa ainda algumas das diversas formas de se trabalhar a oralidade, enfatizando desta forma, as possíveis limitações e destacando as estratégias para o uso ativo desta habilidade linguística. Este artigo mostra a interação que a oralidade promove em sala de aula, formando indivíduos letrados críticos, cientes de suas opiniões, por isso, destacamos alguns pontos que contribuem para o desenvolvimento intelectual das crianças. Neste sentido, o domínio linguístico só se tornará presente por meio das interações entre as relações sociais, escola, família, professor e aluno.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da Língua Portuguesa (1998), a língua é fundamental para se estabelecer as relações sociais, porém esta não deve se tornar apenas um meio de comunicação, a oralidade tem que ser trabalhada com a mesma ênfase que damos a maneira da escrita, tanto a oralidade quanto a escrita assumem um papel importante na sociedade, porém há dificuldades de inseri-la no sistema formal de ensino e no contexto da sala de aula.

Portanto, neste artigo, nosso objetivo é compreender a contribuição da oralidade na sala de aula como meio que possibilite uma aprendizagem integral. Partindo desse pressuposto, a base de aprofundamento de nossa pesquisa procedeu a partir de estudos

teóricos, a exemplo das pesquisas de autores como Milanez (1993), Marcuschi (2005), Leite (2009), Fávero (2011), entre outros. Neste sentido, após as limitações definidas nas pesquisas bibliográficas realizadas e dos conhecimentos prévios adquiridos sobre a oralidade, este artigo mostra a importância do trabalho da oralidade, principalmente ao se tratar de uma ferramenta que promove a interação em sala de aula.

2. A oralidade no ensino da Língua portuguesa e estrangeira

A oralidade precisa ser trabalhada em sala de aula desde as séries iniciais (MILANEZ, 1993), promovendo assim o interesse e a curiosidade para desenvolver este hábito desde a infância, conseguinte a isso, a contribuição do ensino de Língua Portuguesa para o exercício da oralidade se torna indispensável. Sabemos que as primeiras palavras são ditas e ensinadas no convívio da criança, por isso, a informalidade se torna frequente, e é neste contexto que as pronúncias incorretas ocorrem. Para tanto, encontramos em Milanez uma crítica ao ensino tradicional em que

os registros orais na descrição do idioma são desconsiderada, na escola, também como instrumento de comunicação, uma vez que o aluno é avaliado exclusivamente pelo que escreve não pelo que fala, como se a escrita fosse o único veículo de comunicação entre os homens. (MILANEZ, 1993, p. 15).

Segundo Marcuschi (2001), as produções discursivas orais estão situadas no campo da oralidade, e isto significa dizer que elas contemplam um leque muito grande e diverso de práticas, gêneros e de processos de produção de textos, desta forma, as diferenças entre fala e escrita não podem ser vistas em termos de separações, elas devem ser trabalhadas tendo como base critérios iguais de funções.

Os diferentes modos de fala e as diferentes linguagens constitutivas da produção discursiva oral podem ser trabalhados como importantes recursos comunicativos no ensino das línguas, principalmente, quando da efetiva inserção dos alunos em práticas e gêneros orais. Para tanto, este trabalho somente pode ser efetivado se os alunos forem levados a ter

a consciência de que a tomada da palavra é uma das atividades mais importantes a serem desenvolvidas em sala de aula, ampliando suas competências comunicativas e sua formação intelectual e crítica dentro e fora da escola (BENTES, 2010).

Por outro lado Goulart (2005) mostra em trabalhos, experiências que buscam com que os alunos vejam seus erros e os corrijam. Nesse aspecto, podemos analisar uma questão em que depois de filmar alguns alunos ao longo de um seminário em sala de aula, esses alunos assistem ao vídeo, e começam a se criticar e a repensar o seu desempenho oral, e após este exemplo, enfatizamos ainda mais o papel de que a escola deve exercer no trabalho com a fala e com o campo da oralidade. Segundo a concepção de Bentes

[...] deve-se não apenas dar oportunidade aos alunos de observarem e de analisarem determinadas práticas orais, como também deve fornecer os contextos, as motivações e as finalidades para o exercício de diferentes oralidades, na sala de aula e fora dela (BENTES 2010, p. 137).

A escola deve cumprir seu papel social de capacitação de pessoas, a mudança que provoca o interesse pelo novo, deve está presente no objeto de ensino e nas técnicas utilizadas. Portanto, o objetivo é de ampliar a competência do aluno proporcionando novas linhas de pensamento referente à fala, a leitura e a linguística (ANTUNES, 2003).

3. O ensino paralelo da oralidade com a escrita

Nas práticas sociais de letramentos, a linguagem se apresenta em duas vertentes, como também em dois modos fundamentais relativamente pelos quais os indivíduos se expressam, sejam eles tanto em atividades orais quanto em atividades escritas (MARCUSCHI, 2005). Já para (FÁVERO, 2011), a vida em sociedade nos permitem o conhecimento e o reconhecimento de duas modalidades fundamentais de produções linguísticas, estas que se apresentam em duas formas: as orais, que acontecem no momento em que falamos; e a escrita, que se apresentam no momento em que, nós, os indivíduos as escrevemos.

Entretanto, vale salientar que as práticas de ensino de língua são vistas de um modo

geral, fundamentadas na modalidade escrita, eliminando quase que por completo as práticas da oralidade. Dessa forma, o preconceito em relação ao ensino da oralidade nas salas de aula ganha força, pois, a modalidade em evidência é a norma padrão, restrita a escrita, fato este que ocorre constantemente nas instituições de ensino, e nem mesmo este fato é explicado aos alunos (LEITE, 2009), que entram e saem do campo educacional sem ao menos saber o porquê do ensino da oralidade ser tão ausente dos currículos escolares.

Sabendo que a fala apresenta as mesmas características que encontramos na escrita, e mais ainda, nas duas vertentes, observamos que tais características nos levam sempre a um ponto marcante em comum pelo qual chegamos às funções interacionais. Diante disso, em relação ao ensino da escrita conseguinte ao da oralidade, Marcuschi (2005), afirma que

não há razão alguma para continuar defendendo uma divisão dicotômica entre fala e escrita nem se justifica o privilégio da escrita sobre a oralidade. Ambas têm um papel importante a cumprir e não competem. [...] Em suma, oralidade e escrita não estão em competição. Cada uma tem a sua história e seu papel na sociedade (p. 15).

Partindo desse pressuposto, acreditamos que o ensino da oralidade é uma modalidade que precisa ser estudada por todos aqueles que também estudam a escrita, uma vez que na sociedade o uso da oralidade é tão presente. Em razão disso, o campo educacional necessita de uma abrangência maior das formas de interação entre o meio e os indivíduos pelos quais vivem, buscando assim a inserção do ensino de oralidade no contexto do sistema formal de ensino (MARCUSCHI, 2005). Entretanto, nos deteremos a uma análise do ensino da oralidade como meio de interação no campo educacional.

4. A importância da oralidade na formação da criança

De acordo com a teoria histórico-cultural, postulada por Vygotski (2001), o desenvolvimento do ser humano ocorre por meio das relações sociais. Ao nascer, a criança atribuirá ligações associativas mediante ao contexto social em que está inserida, com isso, a fala se tornará o meio mais fácil para se obter uma comunicação compreensiva com os

adultos. Nesta fase, não se exigirá na comunicação oral, uma pronúncia formal ou estritamente correta, pois a oralidade tornará ampla e variável ao contexto em que esta criança encontra-se, uma vez que são nas palavras destorcidas dos próprios adultos que esta comunicação se daria, tornando tão comum os erros pronunciados nos primeiros anos de vida do ser humano. Por ser um indivíduo ativo, a criança por meio das relações sociais e da interação com o adulto que se comunica com ela, internaliza conhecimentos, conferindo sentido a eles.

Durante os três primeiros anos de vida, a criança passa por várias transformações significativas (SILVA, 2010). Nesse período ela se apropria de conhecimentos como a variedade de objetos, ampliação do vocabulário por meio da linguagem oral e observa as regras rudimentares de comportamentos sociais. As regras de ações e comunicações vão surgindo progressivamente, principalmente na escola. Dessa forma, a criança coloca em prática suas produções verbais (OLIVEIRA, 2007), nesse aspecto o professor assume o papel de mediador, ensinando as crianças um novo conhecimento.

Embora o uso intencional da linguagem oral seja fundamental, segundo pesquisas bibliográficas, a exemplo de Goulart (2005), Leite (2011) e Silva (2010), ainda existe uma deficiência alarmante na prática da maior parte dos profissionais atuantes em escolas infantis, esta é causada pela falta do uso da linguagem adequada e da falta de compreensão como sendo uma ferramenta de seu trabalho, pois a utiliza, na maioria das vezes apenas para dar ordens ou proibições. A limitação do diálogo, as respostas vazias e sem conteúdo permitem a construção de um vocabulário pobre. Esta prática acontece no período em que a criança está sendo inserida no mundo social, como também iniciando o processo da fala. Portanto, se torna crucial nesta fase atender e compreender a criança, buscando manter contato com o adulto por meio da fala.

Além disso, as escolas deixam muito a desejar, pois é nesta fase que o domínio da fala se faz necessário, uma vez que a oralidade deve ser mobilizada em sala, não apenas como meio de comunicação, mas como um objeto de ensino. Segundo Goulart (2005) em suas observações, constatou-se que a grande maioria dos professores de língua materna assume explicitamente a concepção de que quaisquer que sejam as práticas orais propostas nas atividades didáticas, elas são apenas um mote para chegar à produção de textos escritos, o que nos leva a refletir que a produção de tais práticas orais sejam executados na língua

padrão, provocando outra deficiência na formação das crianças, que na educação infantil apresenta uma maior facilidade de aprendizado para o desenvolvimento de competências e habilidades diversificadas.

5. Trabalhando a oralidade na sala de aula

Considerando a oralidade como uma das modalidades mais importantes que cada ser humano apresenta como forma de se comunicar no meio em que vive, torna-se assim necessário que o ensino das formas orais também seja inserido nas instituições de ensino. Como se observa na obra "Língua e Liberdade" de (LUFT, 1997, *apud* BRAGA, 2008), o descontentamento com as escolas tradicionais mostra que raramente se encontra nas escolas o estudo da língua como meio de comunicação atual, vivo e eficiente, mais especificamente o estudo da oralidade como meio de comunicação entre indivíduos comunicativos, uma vez que tais expressões são essenciais na área de conversação entre sujeitos.

Partindo desse pressuposto, consideramos que se faz necessário a inserção da oralidade na escola como meio fundamental de instigar o interesse dos professores em geral, para que estes possam trabalhar a oralidade em sala de aula, já que o ensino das práticas orais é tão importante quanto o da escrita. Como bem ressalta (BRAGA, 2008), quando demonstra que é necessário a criação de contextos permitindo aos alunos as vivências reais do que seja a aprendizagem dos procedimentos da fala e de escuta eficaz, estes que devem ser vivenciados na escola, caso contrário os alunos não poderão tornar-se usuários competentes da língua oral. Para tanto, compreendemos que o ensino/oralidade/aprendizagem são formas interacionais na construção de conhecimentos, pois a realização de uma atividade oral permite ao aluno maior visualização da oralidade como meio de aprendizagens orais da língua.

Diante desta concepção, o ensino da oralidade nas escolas seria uma forma de trazer ao jovem uma nova maneira de ver como os dialetos são diversificados, mas que a oralidade formal tem as suas limitações. Contudo, para isto vale acrescentar que "um modelo de adequação comunicativa em que há uma relação entre o eu e o outro que interagem" (MARCUSCHI, 2005, p. 33), já que não há uma maneira mais adequada de se

mostrar ao aluno quanto à interação verbal na oralidade necessita também ser adequada ao contexto em que tais interlocutores estão inseridos.

Partindo da concepção de que a inserção da oralidade nas instituições escolares é fundamental ao ser aprendiz, o ensino da oralidade tem aos poucos ganhado espaço nas escolas (LEITE, 2010), mas esta afirmação ainda não nos permite confirmar que a inserção oral nas escolas tenha alcançado totalmente os devidos lugares que necessita. Entretanto, o fato da questão da oralidade não ser trabalhada em sala de aula, envolve o conhecimento e a visão de mundo do educador, pois trabalhar a oralidade dos discentes vai além de conversas, além disso, é necessário apresentar situações reais que ele poderá enfrentar, mostrando o tipo de linguagem que aquela situação exigirá, já que a linguagem não é uma atividade somente homogênea (BRAGA, 2008). Nesse sentido afirma (MARCUSCHI, 2005) que a escola deve ir mais além, buscando uma maior valorização da oralidade no contexto do sistema formal de ensino, sobretudo, tendo uma visão da interdependência entre a oralidade e as formas de letramentos.

6. Estratégias e meios para promover a oralidade como ferramenta de interação

Um dos termos de maior relevância em nosso cotidiano é a comunicação entre indivíduos, uma vez que se faz necessário para haver a interação (FÀVERO, 2011) no âmbito em que se estabelece um campo de ação pelos quais os sujeitos envolvidos possam entrar em contato com a interatividade entre seres sociais, porém isso é mais relevante ainda quando se trata de uma ação oral. Nesse aspecto, nos mostra (TÉBAR, 2011, p.115) quando firma que, "a interação entre o professor e os alunos na sala de aula é a situação comunicativa mais real que existe", pois a interação permite aos indivíduos saber ouvir. Assim, os professores tentam, durante todo o tempo, chegar perto do aluno, para isso usam de vocabulários parecidos com aqueles que a maioria da turma utiliza, pois agindo assim, eles acreditam que serão bem mais compreendidos (LEITE, 2011).

Em relação à perspectiva musical na sala de aula, os educadores como um todo, precisam trabalhar com as características de textos-canção em Língua Estrangeira, filmes, reportagens e até mesmo as redes sociais. Utilizar estratégias que evite o ato da repetição

qual desvaloriza esse tipo de ensino e desmotiva o aluno a esse tipo de conteúdo. Para tanto, consideramos que nestas atividades haja uma mediação do professor, pois "a mediação é uma forma de interação que engloba todos os âmbitos da vida dos educandos" (TÉBAR, 2011, p. 114). Já no gênero reportagem, pode-se intensificar o interesse dos alunos de língua estrangeira a produzirem textos desde o início do estudo do novo idioma, propondo atividades com sentido comunicativo. O intuito é o de não exagerar na dose e adaptar cada atividade aos conteúdos que devem ser ensinados. Com os filmes podemos trabalhar o vocabulário sobre atividades do cotidiano, hábitos e manias.

Consideramos que as estratégias pelas quais os educadores utilizam na sala de aula são inúmeras, mas que são de extrema importância para se alcançar o resultado esperado. Vale ressaltar que imprimir um caráter de afetividade com a matéria também é uma estratégia de relevância para envolver o aluno com o conteúdo (LEITE, 2011), pois este aluno terá maior facilidade de compreender determinado assunto, seja em formas orais ou escritas. Quando se tratando da oralidade, o discente se sentirá mais seguro de se expressar oralmente perante os colegas de aula e posteriormente na sociedade. Contudo, a estratégia interacional mais recorrida é a da troca entre o professor e o seu aluno (LEITE, 2011), já que com isso possibilita ao aluno interagir com mais segurança em determinadas situações a que ele venha vivenciar tanto dentro, quanto fora da sala de aula.

7. Análise das variações linguísticas existente entre os próprios alunos

Ao demonstrar para o educando a diversidade linguística existente no país, o educador vivenciaria inúmeras situações cotidianas, demonstrando ao aluno que não existe o certo, muito menos o errado na fala, mas sim, a linguagem formal e a informal. Entretanto, é relevante destacar que a existência do dialeto e das gírias (BRAGA, 2008) são variações que se apresentam constantemente na era da contemporaneidade. Nesse sentido, não podemos de forma alguma negar a presença da grande variação na oralidade (MARCUSCHI, 2005) que há nas diversas situações existentes entre os alunos de uma mesma sala de aula, pois é fundamental compreender que nem todos os alunos apresentam a mesma forma de se expressar oralmente, mesmo porque "a fala apresenta variações mais

notáveis de região para região" (MARCUSCHI, 2005, p. 19). Sendo assim, as expressões dialéticas variam de acordo com o contexto social em que o aluno está inserido.

A questão acerca da oralidade de raramente ser trabalhada em sala de aula, envolve o conhecimento e a visão de mundo do educador, pois o que se vê nas aulas em que tentam inserir as formas de trabalhar a oralidade, nem sempre são alcançadas, uma vez que estas tentativas não ultrapassam as meras conversas (BRAGA, 2008), mas que isto, ultrapassa uma tentativa, onde seria favorável apresentar situações reais que ele poderá enfrentar. Os professores devem mostrar o tipo de linguagem que aquela situação exigirá, porque a linguagem não é algo heterogêneo. Para tanto, podemos nos deparar com diversas pessoas que não conseguem adequar a sua linguagem ao local onde estão inseridas, no entanto, aquelas que não adéquam a sua fala de acordo com a fala do ouvinte, não conseguem se fazer entender pelo outro, já que a oralidade permite aos indivíduos agir de forma interacional, já que não é muito difícil perceber que o tempo em que se fala e que se ouve é o mesmo que há nas situações dialogais face a face (MARCUSCHI, 2005). Bem provável que isso venha a ocorrer porque, na escola, esse indivíduo não teve nenhuma oportunidade de refletir sobre as variações linguísticas, e por isso, não teve um acesso mais profundo acerca desse conhecimento.

8. Considerações Finais

A oralidade no campo da aprendizagem é de grande relevância concernentemente ao fato de ser possível a ser trabalhada em sala de aula. Nesse sentido, observamos que existe uma série de possibilidades pelas quais a oralidade pode ser inserida na esfera educacional, seja na construção de conhecimentos seja na forma de se expressar perante a sociedade, bem como no desenvolvimento de habilidades artísticas dos aprendizes. A procedência na análise da oralidade na sala de aula torna-se, assim, uma contribuição eficaz e instigante, permitindo também um incentivo ao senso crítico de professores e alunos.

Tanto os docentes quanto os discentes são os principais indivíduos na construção de conhecimentos na escola. Partindo disso, este trabalho sobre o uso da oralidade como ferramenta de interação na sala de aula tende a abrir caminhos para novas reflexões, como

também espera dos envolvidos a utilização deste instrumento didático-pedagógico, independentemente da área a ser trabalhada. Portanto, cabe à escola engajar o uso da oralidade cada vez mais nos seus projetos pedagógicos.

9. Referências

ANTUNES, Irandé. **Aulas de Português, encontro e interação**. 2. Ed, São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BENTES, Anna Christina. **Linguagem oral no espaço escolar: rediscutindo o lugar das práticas e dos gêneros orais na escola**. Cap. 6. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino; v. 19).

_____. Oralidade, política e direitos humanos. In: ELIAS, Vanda Maria (organizadora). **Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: Contexto, 2011.

BRAGA, Andréia Jovane; FERREIRA, Rosiele; VARGAS, Sandra Rejane Silva; ROLLA, Ângela da Rocha / 2008. **Oralidade em sala de aula**. Disponível em: <guaiba.ulbra.tche.br/pesquisa/2008/artigos/letras/355.pdf>. Acesso em: 25 de maio de 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Fundamental – Língua Estrangeira**. Brasília: Ministério da Educação e Desportos, 1998.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CZAPSKI, Silvia. **A Implantação da Educação Ambiental no Brasil**, Ed. MEC/UNESCO, 1997 - seção Fichário, cap. 5, PCN, 1998.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda. **Reflexões sobre oralidade e escrita no ensino de língua portuguesa**. In: ELIAS, Vanda Maria (organizadora). Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura. São Paulo: Contexto, 2011.

GARDNER, R. C. Language Learning Motivation: The Student, the Teacher, and the Researcher. **Texas Papers in Foreign Language Education**, v. 6, 2001. JESUS, Ana Paula Alves. **Oralidade da língua inglesa nas escolas públicas: 2ª fase do Ensino Fundamental**. Tradução: Ana Paula Alves de Jesus. Disponível em: <<http://studentorgs.utexas.edu/flesa/tpfle/contents1>>. Acesso em: 09 de junho de 2012.

GOULART, C. **As práticas orais na escola: o seminário como objeto de ensino**. 2005. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Estudos de Linguagem, Campinas.

LEFFA, V. J.; **O professor de línguas estrangeiras: do corpo mole ao corpo dócil**. IN: FREIRE, M., ABRAHÃO, M., BARCELOS, A. (orgs.). Linguística aplicada e contemporaneidade. Campinas: ALAB/Pontes, 2005.

LEITE, Alda Fernanda Correa. **Trabalhando a oralidade na sala de aula**. 2001. Disponível em <www.webartigos.com/artigos/trabalhando-a-oralidade-na-sala-de-aula/> Acesso em: 01 de junho de 2012.

LEITE, Marli Quadros. **Interação pela linguagem: o discurso do professor**. In: ELIAS, Vanda Maria (organizadora). Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura. São Paulo: Contexto, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Fala e escrita: Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a**

escrita / Luiz Antônio Marcuschi e Angela Paiva Dionísio. - Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. **Oralidade e letramento como práticas sociais.** Luiz Antônio Marcuschi. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MILANEZ, V. **Pedagogia do oral:** condições e perspectivas para sua aplicação no português. Campinas, SP: Sama, 1993.

OLIVEIRA, Zilma de M. Ramos de. **Educação infantil:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2007.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998. Acesso em 10 de junho de 2012.

SILVA, Marinês Jesus; VA LIENGO, Amanda - **REVISTA INTERFACES**, 2010. SUZANO, Ano 2, N. 2, Outubro.

TÉBAR, Lorenzo. **O perfil do professor mediador:** pedagogia da mediação. São Paulo: SENAC, 2011.

VIGOTSKI, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade pré-escolar. In: VIGOTSKI, L. S.; LÚRIA, A. R; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** 5 ed. São Paulo. Ícone, 2001.